

Janeiro foi um mês de poucas novidades, mesmas preocupações, dólar subindo, bolsa caindo, mas com uma (desagradável?) surpresa: a manutenção da taxa de juros em 14,25%.

Essa decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central foi considerada surpresa porque todo o mercado esperava uma alta na Selic. Essa alta, inclusive, já estava precificada no mercado futuro de juros. O pior, no entanto, não foi a surpresa, mas a justificativa dada pelo Comitê e a indicação dada pelo presidente do BC, Alexandre Tombini, na véspera da decisão. Tombini manifestou surpresa e preocupação com as projeções do FMI sobre a economia brasileira.

Será que o presidente do Banco Central tem menos informações sobre a economia brasileira que o FMI?! Se for, estamos perdidos!

Claro que não é. Na verdade, Tombini já tinha e tem todas as informações que o FMI possui. Foi, ou pelo menos pareceu, uma tentativa de justificar uma mudança na rota. Pegou mal.

No dia seguinte: dólar em alta, realinhamento de expectativas no mercado futuro de juros, bolsa em queda e volatilidade nas alturas.

Agora em fevereiro, membros do governo começaram a pressionar mais fortemente o Banco Central para que reduza os juros! A interferência parece estar mais forte, o que é extremamente prejudicial.

A justificativa é que os dados fracos apresentados por economias como a dos Estados Unidos, Japão e China terão reflexos negativos sobre a já combatida economia brasileira. Por isso, seria “normal” que o BC fosse mais complacente com a inflação e reduzisse os juros.

Só nos resta aguardar as cenas dos próximos capítulos.

A próxima reunião do Copom está marcada para os dias 1º e 2 de março.

No que se refere aos índices, o **IBOVESPA** iniciou o ano com o pé esquerdo: queda de 6,79% em janeiro. A queda nos preços das commodities, especialmente petróleo e minério; a queda de 20% da bolsa chinesa; receio com relação à sustentação do crescimento da economia americana; e a possibilidade de novos aumentos de juros nos EUA foram os fatores determinantes para essa forte queda. Isso, claro, sem citar fatores internos. O problema é que nenhum desses fatores externos nem internos “somem” rapidamente e devem continuar no noticiário por mais um longo período.

O mercado de **JUROS** também apresentou muita volatilidade ao longo de janeiro. Após a manutenção da Selic em 14,25% todas as curvas de juros foram ajustadas para baixo.

No mercado de **CÂMBIO**, o real novamente se desvalorizou encerrando janeiro a R\$ 3,99, uma elevação de 0,97%. Em 12 meses, a desvalorização do real frente ao dólar chegou a 49%.

Fevereiro até por ser um mês mais curto, também não deve trazer grandes novidades. É aguardar pra ver.